

ABR. 1944

Nelson Camponez de Oliveira

# Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 9

Setembro-Outubro de 1934

N. 9 - 10

## E C O N O M I A

Já li, se não foi de Unamuno, foi de outro grande pensador hespanhol que para se derrubar uma Republica e substituil-a por uma Monarchia, basta a vontade de meia duzia de homens bem apoiados em baionetas; ao contrario, para se derrubar uma Monarchia e implantar-se uma Republica é necessario, alem daquelles dois elementos, o concurso de um povo inteiro.

E' o que vemos todos os dias : uma monarchia ou uma dictadura se mantem no poder muitas vezes dirigida e sustentada por uma minoria infima. Infima mas esmagadora por se apoiar em baionetas fieis.

Para sustentar uma Republica aquella mesma força não basta, é necessario o apoio consciente do povo. E quando este falte, mesmo que não pereclite a forma de governo, periclita a sua continuidade, periclita a paz tão necessaria ao progresso de um povo.

Em nosso paiz temos o exemplo evidente : sedições constantes perturbam os negocios publicos, não deixam viver a Republica e apenas permitem que ella se arraste difficilmente pelo caminho tortuoso que tem percorrido.

Dentre as causas que tornam difficil a implantação e socego de uma Republica, costumamos citar, em primeiro lugar, a educação civica de um povo. Como esta só se consegue depois de decenios ou de seculos de acção continua e incançavel, antes de obtel a devemos procurar sanar a falta appellando para outros factores tambem decisivos e dentre elles não se poderá negar que o principal é a questão economica.

Um povo economicamente debil é povo eternamente descontente, sensivel a todas as desigualdades humanas, presa facil de agitadores.

O factor educação vale muito, mas muito mais vale um povo farto. O homem é, por sua propria natureza, um egoista, e por isso mesmo pouco se preocupa com os negocios publicos enquanto prospera, enriquece e pode satisfazer seus desejos.

Faltem-lhe porem essas facilidades e vira-se logo contra o Estado vendo nelle uma malta de aproveitadores, estabelecendo-se assim a animosidade entre a "Nação" e o "Estado".

E cria-se um circulo vicioso : a má politica gera más finanças, estas o descontentamento e este os aproveitadores, que por sua vez vão influir na politica. Dahi o rifão popular : "*em casa em que falta o pão, todos gritam e ninguem tem razão*". Realidade geradora de revoluções.

Applica-se o conceito a todas as formas de governo : na monarchia, de más finanças, em lugar de reinar um idolo, impera um tyrano ; em republica de igual sorte, em lugar da democracia, reina a desordem, a descrença, que é o inicio da desagregação.

Onde começa esse circulo vicioso é difficil muitas vezes se dizer ; Nitti diz que se inicia na má politica.

Comece por onde começar, é preciso atalhar-se o mal que vae arruinando a nação, é preciso que se inicie o periodo de reconstrucção. Esse periodo, entendemos, deve começar pelo lado das finanças publicas para desonerar o povo que, por circumstancias varias e muito justificaveis ainda, que mal comprehendidas entre nós, só em pequena parte é realmente productor e consequentemente directa e indirectamente sobrecarrigado.

Vamos iniciar uma nova phase em nossa vida politica ; aos nossos dirigentes cabe uma tarefa preliminar : — economisar.

Economisar a todo transe, economisar mesmo acarretando sacrificios, economisar para salvar.

Os nossos homens de governo, em geral, ou esbanjam, ou fazem economia do apparente, do que dá mais na vista, do sumptoso, esquecendo-se dos pequeninos gastos inuteis, das perdas inuteis dos dinheiros publicos.

São milhares os furos quasi invisiveis por onde se escoa o liquido do tonel ; são tantos e tão pequenos que nenhum governo tenta obtural-os, por parecerem a uns, despreziveis, a outros por parecerem inevitaveis. E tudo isso porque não se estabelece a responsabilidade do funcionario.

Os nossos homens de governo, quando querem economisar parece que se acanham em fazer economias de palitos, e no entanto por ellas deviam começar. A economia nas pequenas cousas produziria o bastante para as grandes organizações ; poupando as migalhas que desprezamos, teriamos o bastante para a manutenção de uma grande universidade.

Desde o funcionario extranumerario *encostado* pela politica, até o envelope luxuosamente impresso, passando pelas ricas poltronas de algumas repartições meramente burocraticas, deviam despertar a attenção dos que nos dirigem.

Essas migalhas não prendem a attenção dos que deveriam zelar pelos dinheiros publicos e por isso não se faz a pequena economia por parecer desprezivel, e nem as de grande vulto quasi sempre indispensaveis ao nosso progredir. E assim vamos marchando para um verdadeiro abysmo : a União e São Paulo.

Que seria de São Paulo, com sua divida actual, se de um momento para outro, perdesse o café ?

Uma reproducção da tragedia da Amazonia e nada mais, ou talvez, pouco menos.